

## LINGUAGEM E COOPERAÇÃO ESCOLAR (LANGUAGE AND STUDENT CO-OPERATION)

José Roque Aguirra RONCARI (Universidade Estadual de Maringá)  
Eliana Cristina do R. S. de SOUSA (Universidade Estadual de Maringá)

*ABSTRACT: The human language faculty generates language, the language changes man. We want to study some aspects of how language changes man's thought, action and history; how it works to solve problematic school activities and what language academic activities someone needs to learn to grow his life better.*

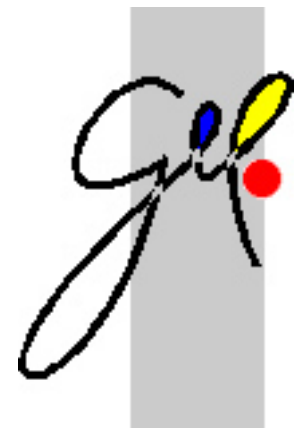
*KEY WORDS: Human language faculty; historical action; tool; text.*

Sem percebermos, a linguagem - na modalidade oral, escrita ou virtual - encontra-se presente em vários aspectos da vida do homem:

..., a faculdade de linguagem entra de modo crucial em cada um dos aspectos da vida, do pensamento e da interação humanos. Ela é, em grande parte, responsável pelo fato de, sozinhos no universo biológico, os seres humanos terem uma história, uma diversidade e evolução cultural de alguma complexidade e riqueza, e mesmo sucesso biológico, no sentido técnico de seu número ser enorme. Um cientista marciano que observasse as estranhas ocorrências na Terra dificilmente poderia deixar de ficar impressionado com o surgimento e a importância dessa forma de organização intelectual aparentemente única. É ainda mais natural que o tópico, com seus vários mistérios, tenha estimulado a curiosidade dos que procuram entender a sua própria natureza e o seu lugar no universo mais amplo. (CHOMSKY, 1998:18)

Sob esta perspectiva, a faculdade de linguagem, quando em interação com o ambiente social, *gera* a língua, a língua transforma o homem. Aqui, interessa-nos estudar como a língua *transforma* o homem e ele, de que forma, por meio dela, atua sobre o mundo. Aí está o ponto do universo mais amplo em que nos situamos. Como veremos, este, igualmente à maioria de outros aspectos, inclusive o biológico, muitas vezes, também se mostra “invisível” aos olhos do senso comum. A imagem acima, do “cientista marciano”, traduz bem o argumento e pode estender-se às outras faces da linguagem, observáveis na vida humana.

No entanto, apenas notamos isso quando vivenciamos o aparecimento de algumas dificuldades muito concretas e específicas. Problemas semelhantes aos que já, há muito tempo, levaram o homem a produzir o fogo, por exemplo. Necessidades que exigiram dele um conhecimento e uma arte específicos. Ele precisou “enxergar” bem o problema (com os olhos da Razão), aprender e tirar vantagem dessa descoberta.



Geralmente, nós e os estudantes encontramos sérias dificuldades de utilização da língua, sobretudo na modalidade escrita. Como o fizemos com o fogo, seria muito bom a todos aprenderem a utilizá-la como uma ferramenta a nosso favor, isto é, que com ela nos protegêssemos, realizássemos e evoluíssemos individual e coletivamente em todos os aspectos da cultura humana, como os citados por Chomsky, por exemplo.

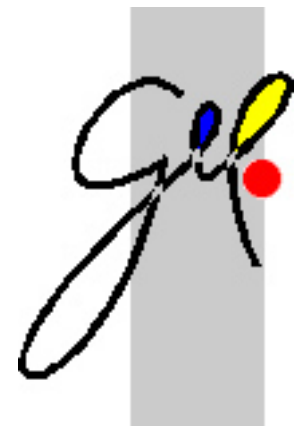
Uma ferramenta dessa natureza fortalece-nos e nos confere poder. Não sobrevivemos sem ela, principalmente neste mundo complexo e grafocêntrico, do qual o mundo escolar é mera decorrência. O problema é colocar o aluno na posição de *sujeito* de algum conhecimento que o permita criar com esta ferramenta e retirar dela todo benefício que puder.

Isto é algo que, até certo ponto, já lhe acontece naturalmente, e não objetivamos negar a força do argumento biológico de que a linguagem seja um conhecimento que *acontece* ao homem independentemente de sua vontade e não o que ele *faz porque assim o quer*. Conforme comenta CHOMSKY (1998:23), já em relação à criança:

...Um exame atento da interpretação das expressões logo revela que desde os primeiros estágios a criança conhece imensamente mais do que a experiência provê. Isso é verdadeiro até para as simples palavras. As crianças pequenas adquirem palavras numa proporção de cerca de uma para cada hora acordada, com exposição extremamente limitada e em condições altamente ambíguas. As palavras são compreendidas de modos sutis e intrincados que vão muito além do alcance de qualquer dicionário e estão somente começando a ser investigados. Quando se vai além das palavras isoladas, a conclusão se torna ainda mais dramática. A aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral; é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz. E, embora o meio ambiente importe claramente, o curso geral do desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estágio inicial. Mas o estado inicial é uma posse comum aos homens. Tem de ser então que, em suas propriedades essenciais, as línguas são moldadas na mesma forma. O cientista marciano poderia concluir sensatamente que há uma única língua humana, com diferenças somente nas margens.

Com relação a nossas vidas, as pequenas diferenças são o que importa, não as esmagadoras semelhanças, que são inconscientemente tomadas por certas. Sem dúvida, rãs olham outras rãs do mesmo modo...

Porém, olhando-nos como “rãs” sem perder a consciência de que somos homens, tampouco Chomsky negaria que, há muito tempo, também aprendemos que, por nós mesmos ou por meio da cooperação da instrução escolar, poderemos aperfeiçoar-nos na *arte de linguagem*. Vivemos muitas situações complicadas demais que exigem um esforço de conhecimento maior e aprimorado, como o próprio linguísta acima



reconhece e observa quando compara a aquisição da linguagem ao desenvolvimento de um órgão do corpo como o da visão, por exemplo:

(...). Mas, embora a estrutura do órgão da visão se torne relativamente fixa nessa época [uma etapa relativamente inicial da vida], *ainda podemos 'aprender a ver' de novas maneiras em todo o decorrer de nossas vidas* - por exemplo, aplicando conhecimentos posteriormente adquiridos ou por ter experimentado alguma nova forma de representação visual nas artes, como o cubismo. Escreveu o pensador britânico Ralph Cudworth:

*um desenhista engenhoso há de observar muitas elegâncias e curiosidades artísticas, e deleitar-se com traços e sombras em uma gravura, onde o olho leigo nada percebe; e um músico que ouve um conjunto de músicos hábeis a executar uma composição feita com muita arte e em muitas vozes, há de sentir um prazer extraordinário em muitas melodias e minúcias, que para um ouvido vulgar passariam inteiramente despercebidas.* (CHOMSKY, 1981:171-2) (Grifos nossos).

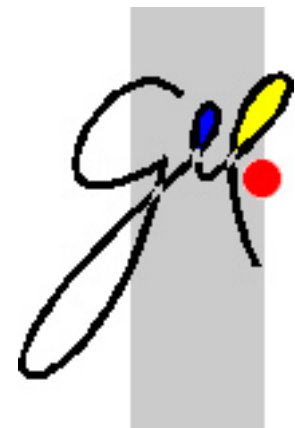
O modo de pensar acima, de certa forma, também não deixa de ser o mesmo que raciocinar o mundo através dos olhos - ou entendimento - de um “marciano artista”. Uma boa consequência deste empenho suplementar que estamos propondo por meio de cooperação da instrução escolar e que nos atingiria diretamente, por exemplo, seria a transformação e evolução da vida sensitiva e intelectual do aluno e tudo o que daí, para nós e para ele, possa advir.

Neste ponto, também seremos *objeto*, porque o único sentido para este conhecimento maior criado será nós mesmos, ele será a justificação e o prazer de nossa existência. O processo é *reflexivo*, no sentido mais concreto e abstrato da palavra. Da introdução deste objeto-problema deriva a concepção de nosso método.

Sendo mais específico, por exemplo, consideramos interessante estudar alguns dos seguintes aspectos: Como as ações e relações humanas dependem do conhecimento da linguagem para se concretizarem, transformarem-se e evoluírem? Como o locutor, na esfera de sua vida escolar, pode fazer História, praticando a linguagem? De que conhecimentos necessitará ele se instrumentalizar e que atividades de linguagem ele necessitará operacionalizar para cumprir tal intento? Instruí-lo da resposta à primeira e segunda destas perguntas poderá reforçar suas motivações para aprender as habilidades e os métodos operacionalizadores das atividades de linguagem exigidas pela terceira? O que podemos comentar acerca dos conteúdos, métodos e habilidades que eles já vêm aprendendo e empregando durante o processo a que estão sendo expostos?

Estas perguntas têm a ver com alguns conhecimentos de desempenhos de linguagem que convém discutir e aprender, sobretudo no contexto da vida escolar.

Para alcançar este conhecimento, muitas vezes, necessitamos atravessar um complicado processo de operações que depende de uma dinâmica de aprendizado



bastante heterogêneo. Um trabalho de preparação que sempre envolve e consome algum tempo, esforço e imaginação, o que exige a organização de algumas estratégias de abordagem. Por exemplo:

A atividade escolar extremamente comum como a de escrever o resumo de um texto. Que conhecimentos relevantes relacionados aos aspectos acima poderemos extrair de uma tarefa tão banal como esta? Durante nossas aulas, criamos algumas oportunidades de aprendizado e nos propusemos certas reflexões que nos levaram a produzir desempenhos lingüísticos e discursivos como este:

#### O resumo e o trabalho em grupo

Tomando como base o filme 'The Paper Chasing', escreveremos sobre a necessidade de trabalharmos em grupo e da importância do resumo.

Tal como nos mostra o filme, também em nosso Curso de Letras, o resumo tem importância fundamental. Sim, pois ele é um dos instrumentos facilitadores que nos leva a um objetivo maior: a apreensão dos conhecimentos.

Mesmo apesar de entre nós haver uma grande dificuldade em se redigir um resumo satisfatório, mesmo assim, há necessidade de fazê-lo. De fato, nós também (como os universitários do filme) sofreremos um acúmulo de matérias, trabalhos e provas. E para suprimos a nossa falta de tempo, recorreremos ao uso de resumos e trabalhos em grupo.

Além do quê, o trabalho em equipe permite um certo entrosamento, o que nos ajuda a expôr nossas idéias, bem como aceitá-las de outrem. Mas o estudo em conjunto deve ocorrer dentro e fora do horário escolar. E é nesse ponto que pecamos e não nos dedicamos tanto quanto é necessário.

E se no filme havia uma relação muito difícil entre professor e aluno, o mesmo não ocorre conosco. Felizmente, em nosso curso há bons professores cuja metodologia está baseada no diálogo e troca de idéias. Porém, ainda são poucos os que nos desafiam a construirmos por nós mesmos o nosso próprio saber.

Portanto, ainda há muitas dificuldades. Mas só quem ousar superá-las, irá sobressair-se em sua futura profissão. (In: SOUSA, Eliana Cristina do R. S. de. (Disciplina) **Língua Portuguesa I: Expressão escrita e compreensão de texto** (Código232/33). Graduação em Letras, UEM, 1998)

Analisemos este dado: para nós aqui "apreender conhecimento" por meio do resumo de uma leitura que o locutor desempenhou da narrativa do filme (e dos textos estudados no Curso) não significa apenas "registro factual" das idéias lidas; no texto acima, interessamo-nos pelo fato de que se processou uma real transformação no interior do locutor-sujeito. Ele não é mais o mesmo de antes. Após a leitura do texto do outro e o desempenho do dele próprio, seu entendimento expandiu-se. O locutor compreendendo-o em suas partes internas e em seu todo, estabeleceu correlações históricas externas bastante fortes entre o texto em si e sua vida escolar, em particular.



Também compreendemos, por exemplo, a necessidade de autonomia de pensamento. Reconhecemos a importância de disciplina de estudo aplicada às atividades individuais e coletivas de estudo durante o processo de construção do saber. Embora, tendo em vista que um dos objetos de conhecimento do locutor seja o “resumo” (o outro é a narrativa-objeto de nossa leitura), o texto em si mesmo que produzimos, não é um resumo. A exposição lingüística e discursiva revela uma tendência dissertativa, pois estamos tentando conceituar, de maneira não-convencional, a *utilidade* de um gênero de discurso bastante convencional. Não é só meramente informativo porque também reflete, abstrai, vai além. A conclusão, por exemplo, não fecha questão, tampouco ajuíza um ponto-final definitivo. Como na introdução, também anuncia um propósito apenas que mais complexo, cujo entendimento desenvolve-se por co-referências imediatas e não-imediatas de cada parágrafo entre si. Neste desfecho “Portanto, há muitas dificuldades. Mas só quem ousar superá-la, irá sobressair-se em sua futura profissão” tematizamos uma meta de longo alcance que se coloca ao interlocutor como tarefa futura. Vejam-se os verbos flexionados no futuro, remetendo a uma conclusão aberta, inconclusa, atuando e expandindo um novo horizonte ao entendimento do locutor. Entendimento este já transcendendo a esfera de ação de sua vida escolar para muito além do seu “aqui e agora”.

A introdução anuncia o propósito geral: dois tópicos a serem desenvolvidos ao longo do texto: “resumo” e “trabalho em grupo”, “Tomando como base o filme ‘The paper chase’, escreveremos sobre a necessidade de trabalharmos em grupo e da importância do resumo”. O verbo “escrever” flexionado no futuro e a retomada e detalhamento dos tópicos inicialmente anunciados, posteriormente o comprovam.

Em oposição, observe-se que do segundo ao penúltimo parágrafo, todos os verbos estão no presente. É o presente do locutor. Mais que isso: ele está se referindo à atualidade de uma situação histórica não apenas dele, mas também de seus colegas. Notemos os pronomes e novamente nos verbos, o significado de coletivo marcado neles pelas categorias de pessoa e número plural.

Surgiram-lhe ricas e sérias inquietações em relação ao presente e ao futuro, tais como: Presente: “...são poucos os que nos desafiam a construirmos por nós mesmos o nosso próprio saber” ... “Portanto, ainda há muitas dificuldades”...; Futuro: “só quem ousar superá-las, irá sobressair-se em sua futura profissão.” Estamos comparando situações, opondo-as “E se no filme havia uma relação muito difícil entre professor e aluno, o mesmo não ocorre conosco.”, exercitando a crítica e autocrítica “o estudo em conjunto deve ocorrer dentro e fora do horário escolar. E é nesse ponto que pecamos e não nos dedicamos tanto quanto é necessário”, deduzindo significados, aprendendo novos aspectos de antigos conceitos, como o de que um verdadeiro ambiente cultural de estudo universitário depende de cooperação individual e coletiva e transcende as quatro paredes de uma sala de aula, ou o conceito de “resumo satisfatório”, por exemplo, que dificilmente encontraríamos exposto nestes termos em muitos de nossos melhores manuais: “ele é um dos instrumentos facilitadores que nos leva a um objetivo maior: a apreensão dos conhecimentos”.



Uma estratégia que assumimos foi almejar à objetividade histórica por meio da concisão dos períodos curtos. Acreditamos que “dizendo bastante com poucas palavras” fortaleceremos e encurtaremos o caminho das demais realizações humanas. Para tanto, adotamos como propósito, o desempenho de pontuação escrita que delimita a extensão dos períodos. Vemos no dado acima que isto não resulta de aplicação de técnicas de comando normativo, mas da adequação criativa, natural, quase espontânea de um conhecimento escolar formal, estudado e apreendido com algum rigor. De tal opção, decorreram tentativas de outra atitude de linguagem levada em conta nesta intenção de objetividade: a de não inflacionar cada período com gerúndios e perífrases verbais e a de dar predominância ao verbo flexionado sozinho, apenas na categoria de principal, sem auxiliar. Como constatamos na prática, este projeto de desempenho de linguagem é demorado e difícil de dominar, pois exige a escolha de um estilo de expressão com marcas discursivas bem planejadas. Faz parte de nossas preocupações pedagógicas de ensino de língua materna, alcançar a consciência teórica do desempenho deste conhecimento.

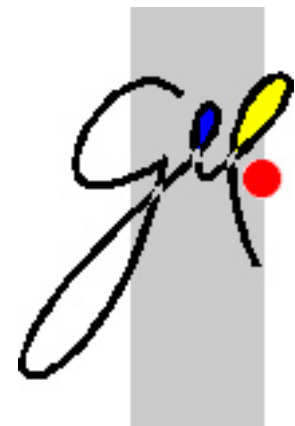
Após algum tempo, aos poucos, aprendemos que é possível embrenharmo-nos, por nós mesmos, pelos mais diversos caminhos para criar nossa própria linguagem e, por meio dela, nosso próprio destino histórico. Entre os vários caminhos possíveis, nossa estratégia está sendo tentar compreender - por meio das atividades de linguagem - o processo de transformação e evolução inovadores da cultura humana, pois orientamo-nos pelo argumento de que da mesma forma que a história não se repete, salvo como farsa, a linguagem também não, a não ser como plágio.

Não nos esqueçamos daquela propriedade natural da linguagem para a qual Chomsky sempre nos chamou a atenção, isto é, a propriedade fundamental que os mecanismos lingüísticos finitos e recursivos têm de se adequar a um número infinito de temas e situações. Esta disponibilidade de expressão permite ao homem *estender* sua criatividade normal do uso da linguagem em qualquer direção do conhecimento e da cultura, inclusive, na direção da própria linguagem. Parece este o nosso caso, mesmo quando elegemos alguns de seus aspectos e modalidades - por mais simples e banais que sejam - como objeto de estudo, tal qual um simples resumo, por exemplo.

Aí está uma pequena amostra, bem humilde, porém, que pode servir de base razoável para a construção de novos conhecimentos, ações e práticas futuras historicamente mais complexas e eficazes. Além disso, esta amostra não passa da formalização inicial de um longo e complicado processo cognitivo de escrita e leitura que, de agora em diante, estará em atividade de elaboração e reelaboração permanente.

**RESUMO:** Conforme o desempenho oral e escrito que criamos, crescemos, modificamos nosso pensamento e o do outro; influenciemos a natureza e, por decorrência, nosso destino histórico e o dos demais. A faculdade de linguagem gera a língua, a língua transforma o homem. Propomo-nos estudar como a língua transforma o homem.





PALAVRAS-CHAVE: faculdade de linguagem; ação histórica; desempenhos de linguagem; ferramenta; texto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Brasília:UNB, 1998.  
\_\_\_\_\_. *Regras e representações*. São Paulo:Zahar, 1981.  
\_\_\_\_\_. *Lingüística cartesiana*. Petrópolis:Vozes, 1972.